resenhas

O sujeito não envelhece

Oscar Cirino

Resenha do livro de Ângela Mucida *O sujeito não envelhece. Psicanálise e velhice.*
Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

O livro *O sujeito não envelhece. Psicanálise e velhice* nos oferece leitura inédita de um tema que ficou marcado, quase inteiramente, pelo silêncio dos psicanalistas: a velhice. Se ao próprio Freud, em momentos pontuais de sua obra, pode ser creditada parcela de responsabilidade por essa situação, ao longo de décadas a elaboração teórica e clínica dos analistas foi também marcadamente escassa. Em poucas palavras, psicanálise não era coisa para velho.

O trabalho de Ângela Mucida nos traz, com extremo cuidado e rigor, essa "boa nova", ao interrogar com densidade as razões desse silêncio e demonstrar, tanto conceitual quanto clinicamente, a importância da oferta do dispositivo analítico para os idosos que sofrem e querem construir um saber sobre esse sofrimento. Não se trata, portanto, de uma tentativa qualquer de conquista de uma "fatia de mercado" que tende a crescer ou de uma submissão ao imperativo do novo. Pautada na ética e no discurso analítico, a autora critica, a partir de diferentes perspectivas, o discurso do capitalismo e sua tendência de calar tudo o que sugere limites ao gozo, situando o insuportável da velhice como momento privilegiado de inúmeros encontros com o real da castração.

A estrutura do livro faz jus ao sentido arquitetônico do termo, pois seus capítulos estão distribuídos de modo a contemplar e construir solidamente uma definição de velhice, na qual os registros simbólico, imaginário e real são apresentados de forma entrelaçada.

A elaboração desses capítulos se dá com riqueza de referências teóricas, principalmente Freud e Lacan, mas também de outros discursos (médico, antropológico) e autores como Simone de Beauvoir, Roland Barthes e Umberto Eco, entremeadas por citações de poetas e escritores como Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana e Clarice Lispector. Em todos os capítulos, são apresentados vários fragmentos e casos clínicos que

ilustram a possibilidade da clínica com idosos, desenvolvendo, de modo "encarnado" e didático, uma série de conceitos analíticos como sublimação, narcisismo, ideal do eu, demanda, e transferência, entre outros.

Essa riqueza se manifesta também na variedade de "insígnias do envelhecimento" que são sugeridas e debatidas, à luz da perspectiva de sua incidência como significantes, que, como tais, só têm sentido na cadeia particular de cada sujeito: rugas, cabelos brancos, fragilidade corporal, lentidão da marcha, aposentadoria, "manias de velho", Viagra, baixa performance, lamentações, depressão, hipocondria, menopausa...

A escrita de Ângela Mucida é também digna de nota, pois a precisão conceitual e a lógica do encadeamento de seus argumentos, hipóteses e questões não impediram que nos oferecesse um texto leve e delicado. A "segregação asilar", por exemplo, é assim descrita: "O despojamento de todos os objetos, o parco salário pelo qual os asilados, aposentados ou não, poderiam escolher pequenas coisas que lhes trouxessem insígnias de suas diferenças, tudo isso é dissolvido em prol de uma sobrevivência que, para muitos, torna-se apenas uma monótona e insuportável espera da morte. Asilam-se os traços de uma profissão exercida, os traços marcados em pequenos objetos, as lembranças marcadas nas paredes de um quarto, de uma cozinha, nas paisagens do dia-a-dia, nos odores que povoam cada ambiente, pequenos matizes com as quais cada sujeito tece sua cobertura de vida... Tudo isso é deixado para trás com a entrada no asilo-exílio. Essa representa para muitos a 'aposentadoria' da possibilidade de desejar".

Ao longo do livro, encontramos várias hipóteses, interpretações e questionamentos merecedores de atenção. Destaco apenas alguns: a metáfora do "espelho quebrado"; a idéia de uma "bulimia de medicamentos, diagnósticos e prognósticos"; a importância do trabalho de luto na velhice; a hipótese de que a depreciação da sexualidade dos idosos teria relação com a dificuldade de todo neurótico em lidar com a sexualidade dos pais; a idéia de que quanto mais o sujeito suporta a falta fálica, quanto mais se inscreve pelo gozo feminino, mais ele poderá encontrar respostas criativas à problemática trazida por sua velhice; a leitura do texto freudiano "Luto e Melancolia" com base em algumas formalizações lacanianas; a disjunção entre velhice e doença.

De fato, interrogar a máxima milenar de que "a velhice em si mesma é uma doença" (*Senectus ipsa est morbus*) é fundamental para os diferentes profissionais de saúde e "especialis-

tas" que trabalham com idosos. A autora demonstra que a velhice pode funcionar como um álibi para tudo, pois diante da dificuldade em lidar com as inevitáveis perdas corporais e sociais, o sujeito pode justificá-las como doenças, percorrendo uma cadeia interminável de médicos e especialistas a fim de tamponar esse real em cena.

Enfim, há a ressonância do trecho de uma música também mineira: *sonhos não envelhecem*. É essencial, como sugere Ângela, mesmo diante do inexorável envelhecimento corporal, possibilitar que o sujeito encontre novas formas de inscrever e vestir o desejo. Para isso, ele depende dos recursos que advêm do Outro, pois "o isolamento a que são submetidos ou se submetem muitos idosos prescrevem uma morte em vida e é por ai que muitos se rendem à derradeira morte".



recebido
10/03/2005
aprovado
30/03/2005